

## Cap. 14 – ANTÔNIA TIRLONI

Poucas e pobres são as notícias sobre Antônia, e a maior parte dos conhecimentos mencionados são devidos a histórias pessoais de muitas pessoas que a conheceram e a admiraram, entre as quais, além dos parentes, também muitas pessoas de Covo.

### 14.1- Os primeiros anos

Antônia nasceu em Porto Franco (atual Botuverá), na grande casa da família, no dia **13 de Junho de 1899**, e é a última filha de Alessandro e Elizabetta Colombi



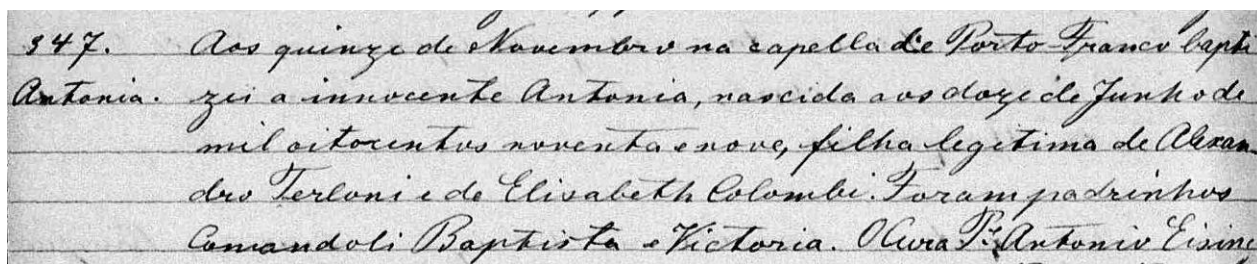
Porto Franco: visão da vila e especialmente da casa Tirloni (fotografias – anos 60 e ano 2009)

No momento de seu nascimento, seus pais tinham 42 e 46 anos respectivamente e, portanto, eram duas pessoas que já tinham vivido longos anos, para ter mais uma filha. Não é de se excluir, porém, que após esta filha, sua mãe Elizabetta tenha tido outra gravidez, mas que acabou em aborto.

Antônia veio à luz na grande casa da família e se tornou a caçula em uma numerosa família, composta de pessoas já grandes, onde algumas já podiam ser consideradas "adultas". A irmã mais velha, Joana, já tinha 19 anos, e tinha entrado no que se define como a "idade núbil", e de fato, casou-se depois de apenas 2 anos. Rosa e Albina também já eram mocinhas de 17 e 15 anos. Na verdade, mais do que uma armazinha, Antônia lhes parecia mais como uma filha.

Em casa não faltavam obviamente outras crianças, pois Francesca, Eliseu e Ângelo, que são os irmãos mais próximos de sua idade, estavam com uma idade de 5 e 3 anos. Mas parece improvável que eles fossem seus companheiros de brinquedos durante a infância, já que os mais próximos a ela, em idade, eram dois meninos.

Viene battezzata il giorno 15 Novembre nella cappella di Porto Franco dedicata a Sao Josè e le fanno da padrini i signori Battista e Vittoria Comandoli.



Atto di battesimo di Antonia Tirloni (fotografia - anno 2012)

Certamente Antônia passou a sua infância sob os cuidados e os olhares deste exército de "mães", e é de se acreditar que foi acostumada a se sentir muito controlada – ao contrário das irmãs mais velhas, nascidas em condições familiares diametralmente opostas, e que, portanto, tiveram que aprender a cuidar de si mesmas.

Quando Antônia tinha apenas 3 anos tornou-se tia, pois a irmã Joana deu à luz o filho primogênito Luís. Não é de excluir que Antônia se tenha vinculado a este sobrinho e tenha brincado com ele fazendo o papel de "mamãe".

Quando Antônia nasceu, cuja certidão de batismo ainda não foi encontrada, certamente o pai Alessandro já era o rico proprietário de terras e o empresário que a tradição nos trouxe à memória. As dificuldades e os esforços dos primeiros anos eram agora uma coisa que certamente Antônia ouvia sempre falar, mas certamente que não viveu pessoalmente. Ela era a última filha do “*siur Tirloni*” ou “*siur Lissandro*” (como provavelmente era chamado o pai, – agora um homem rico, invejado, mas também temido. Ela provavelmente era vista como uma "pequena princesa", e como tal, permaneceria por toda a sua longa vida.

O fato de ela ser a “pequena princesa” não deve induzir em erro sobre um detalhe: certamente também Antônia teve sua dose de labuta e de trabalho duro de conviver. Recorde-se que o pai ancião era uma pessoa de muitas capacidades, com muitos de recursos, mas para dizer pouco, com uma personalidade despótica, e portanto, uma parcela dos muitos trabalhos a serem feitos caberiam certamente à pequena Antônia.

Durante sua infância, seu pai Alessandro já não se empenhava mais como o primeiro a trabalhar de *balseiro* (aquele que conduzia a madeira ao longo do Rio), e já não colocava em risco sua vida. Este trabalho cabia aos irmãos de Antônia. Os ataques dos *Bugres* já não eram frequentes como no passado, mas certamente ainda aconteciam, e por isso a vigilância dos irmãos Tirloni, junto com seu idoso pai, para proteger os bens, não podiam parar. A natureza selvagem continuava sempre perigosa como antes, e as cobras eram sempre mantidas longe da casa, graças aos espelhos. Se vê, portanto, que mesmo a pequena Antônia tinha muito pouco para estar alegre e despreocupada.

Para se compreender bem como era o pequeno mundo visto por Antônia, deve-se também levar em consideração o caráter bruto e impulsivo de seu pai, que chegou a matar o ladrão negro que foi pego roubando em seu empório. É preciso imaginar uma realidade em que os representantes locais do governo e da polícia chegavam sempre

que Alessandro fazia uma das suas, e o ameaçam a uma repatriação forçada para a Itália.

Eis a realidade completa: Também à pequena Antônia cabia uma boa dose de medos e ansiedades!

Infelizmente nunca saberemos como foram vividos por uma criança pequena estes momentos tão extremos e fortes, porque ninguém nos dias de hoje pode testemunhar com seus relatos a verdade sobre esses fatos.

A pequena Antônia ainda não tinha completado 10 anos quando chegou ao conhecimento da ideia de seu pai de retornar para Itália. Seria interessante poder saber como teria sido enfrentada uma notícia semelhante por uma menina ainda pequena, saber se ela tinha alguma ideia do que isto poderia significar, e imaginava o que ela iria enfrentar.

Ela viu seu pai partir para a Itália juntamente com seu irmão mais velho, João, e viu os dois voltarem somente após muitos meses de ausência. Quem sabe o que poderia ter pensado de tudo isso... Com o retorno dos dois, a fantasia da pequena Antônia se enriqueceu ainda mais com as histórias que o pai e o irmão contavam desta experiência, bem como da viagem confortável, e das impressões sobre a Itália dos inícios dos anos noventa, (aliás totalmente diferente daquela que tinha deixado Alessandro 30 anos antes). Mas é preciso lembrar que a viagem para a Itália não foi fácil (por causa da decisão de João de permanecer no Brasil). Portanto, seja o pai Alessandro como o irmão João provavelmente não tinham muito a dizer e a tensão na casa Tirloni teria sido palpável.

No momento da partida para a Itália certamente Antônia teria tomado conhecimento de que já não veria mais nenhuma dessas pessoas do seu povo, e não veria mais o seu mundo onde ela havia nascido e crescido. Certamente deve ter chorado no momento da despedida das irmãs, do irmão e dos sobrinhos, e teria se voltado para este novo mundo como um lugar de absoluta fantasia, exatamente como deviam parecer os contos dos velhos de Porto Franco.

Certamente deve ter sofrido muito ao abandonar as suas amiguinhas de Porto Franco, e talvez, algumas pessoas da vila a quem estava mais ligada, ou a algum parente a quem estivesse mais afeiçoada, como, talvez, os irmãos da mãe Elizabetta, ou até irmãos do pai Alessandro, admitindo que eles vivessem em Porto Franco. Como disse, não sabemos se os pais de Elizabetta, portanto avós maternos de Antônia, ainda estavam vivos, nem se eles permaneceram no Brasil, ou se voltaram para a Itália junto com os Tirloni. Mas em todo caso, a pequena Antônia sabia muito bem – como todos – que aquela saudação que estava dando a seu povo era uma saudação para sempre, porque ela sabia muito bem que não voltaria a ver ninguém.

Provavelmente a viagem de navio deve tê-la fascinado, exatamente como teria fascinado seu irmão, Ângelo. Mas por certo, ao contrário de seu irmão, ela estava proibida de passear por sobre a cobertura daquele "monstro mecânico" que era o navio. Ao contrário de Ângelo, certamente muito mais livre, ela sendo uma menina, provavelmente não podia distanciar-se muito de sua mãe e das irmãs mais velhas.

Infelizmente, para ela ainda pequena, esta viagem ficaria marcada por uma desagradável e indelével lembrança. De fato, durante esta longa travessia, a pequena Antônia assistiu à doença, ao agravamento e, finalmente, à morte de seu irmão Ângelo.

Como já se disse, não se sabe exatamente o que aconteceu com Ângelo, e não estamos certos se o funeral do jovem foi realizado de acordo com a lei do mar, com o corpo jogado na água dentro de um saco branco, ou se – conforme o relato da tia

Josefina – o corpo de Ângelo tenha sido ocultado por alguns dias, e revelado apenas à chegada em Gênova. O certo é que, seja como tenham acontecido esses fatos, para uma criança de 10 anos, apenas completados, deve ter sido uma experiência chocante!

Chegada na Itália, a pequena Antônia foi viver na fazenda Battagliona com sua família, e inicia, assim, a sua nova aventura na Itália.

A comunidade de Covo percebe de imediato a chegada desta nova família, também porque não se tratava de gente qualquer. Antes de tudo, no seu primeiro aparecimento na comunidade, os rapazes foram por muito tempo ridicularizados pelos habitantes de Covo, porque usavam calças quadriculadas, e com cores muito vistosas, como era típico em todos os "país quentes". Se pensarmos que naqueles tempos para o homem era permitido somente vestir roupas escuras, esses jovens devem ter parecido de fato muito excêntricos. Certamente isso deve ter pesado sobre Antônia que era a menor e a mais "fraca", para enfrentar as ridicularizações dos Covesi. Mas com o passar do tempo, todos começaram a se adaptar à moda local, e este problema foi superado.

Como já foi escrito precedentemente, os primeiros tempos na Itália devem ter sido realmente difíceis, especialmente para os meninos, por causa dos longos meses de frio a que nenhum deles estava habituado. Principalmente por causa da neve, nunca vista antes, que durante muito tempo cobria a terra com seu manto gelado. Imagino que todos, durante o primeiro longo inverno passado na Itália, tenham amaldiçoado a decisão de retornar para esta terra de clima tão inóspito.



Fazenda Battagliona: vista da casa onde viveram os Tirloni e vista do pátio (fotografias – ano 2002)

Nos inícios de 1911, Antônia participou do casamento de sua irmã Ângela, a mais velha dentre as irmãs vindas para a Itália. E no ano seguinte viu chegar do Brasil, seu irmão Vitório, que se reuniu à família, uma vez terminados seus estudos. A chegada de Vitório foi um momento de festa. Certamente todos queriam saber notícias dos parentes e dos amigos do Brasil que já há três anos não viam. E Vitório teve seu agradável momento de fazer saber as notícias e as informações desses últimos anos. Provavelmente, para celebrar a sua chegada foi chamado um fotógrafo que fez o famoso retrato de família, a primeira foto que temos desses nossos antepassados, e Antônia está entre as pessoas fotografadas, em sua primeira foto!



Antônia Tirloni (fotografia - ano 1912)

No dia da foto Antônia tinha quase 13 anos, e para o seu reconhecimento na fotografia houve muitas dúvidas, e somente com a descoberta de outras fotografias das irmãs mais velhas, é que agora podemos indicar com certeza sua identidade. Apesar de sua estatura ser quase a mesma das irmãs, o seu rosto parece muito jovem, e a sua cabeça ligeiramente inclinada, junto com um olhar tímido, passam a indicar quem é a caçula da família.

Infelizmente, pouquíssimo tempo após ter feito pela primeira vez em sua vida um retrato com os familiares, exatamente a ela, jovem Antônia, coube uma triste sorte que certamente ficou indelével na memória para toda sua vida. No dia 10 de abril de 1912, sua mãe Elizabetta – como fazia sempre, em um dia como muitos outros – saiu de casa com uma cesta cheia de roupa para lavar, dirigiu-se para o canto nordeste da fazenda onde havia um canal de água, que agora foi soterrado. Passado algum tempo, Antônia, não vendo sua mãe voltar para casa, foi procurá-la. Tendo apenas chegado junto do canal, à jovem de treze anos coube a infelicidade de encontrar-se sozinha diante de uma cena das mais horríveis que poderia acontecer. Encontrou o corpo de sua mãe, sem vida, com a barriga voltada para baixo, flutuando no riacho, sendo arrastado em círculos pela correnteza. A sua mãe já não estava mais!

Não sabemos como foram exatamente os momentos imediatamente após esta descoberta macabra, mas podemos facilmente imaginar que Antônia deve ter soltado um grito desesperado, e tenha tentado inutilmente chamar sua mãe. Seus gritos talvez tenham sido ouvidos pelas outras irmãs, que estavam em casa, ou pelos irmãos e

pelo o pai que provavelmente estavam no estábulo ou nos campos. Todos devem ter corrido para socorrer Antônia, pensando que lhe teria acontecido alguma coisa. Mas logo todos se encontraram diante dessa cena horrível.

Provavelmente algum dos rapazes deu o que fazer em meio ao desespero e ao choro de todos para recuperar o corpo sem vida da mãe, e para prepará-lo para a piedade da família. Todas estas cenas reunidas devem ter-se gravado para sempre na memória da jovem Antônia.



Fazenda Battagliona: vista da área onde uma vez havia uma fábrica, onde se afogou Elizabetta Colombi (fotografias – ano 2002 e ano 1997)

Provavelmente sua mãe Elizabetta foi acometida por um mal súbito. Inclinada sobre o riacho, lavando a roupa, o mal foi tão fulminante que a pobre mulher caiu na água, já morta. Mas não é de se excluir que acidentalmente ela teria escorregado para dentro do riacho, e as roupas pesadas que eram usadas naquele tempo, impregnados de água, imediatamente se transformaram numa armadilha das mais cruéis.



Elisabetta Colombi Tirloni (fotografia – ano 1912)

De acordo com o atestado de óbito encontrado nos arquivos da paróquia de Covo, Elizabetta concluiu sua árdua jornada na terra, com 56 anos já feitos, dos quais quase 34 passados ao lado de um homem que certamente lhe deu menos carinho e atenção do que ela merecia. O caso foi oficializado como morte por causas naturais.

Nos registros paroquiais consta: "morta de doença repentina". A Antônia coube a infelicidade de ter-se encontrado sozinha e impotente diante de uma cena tão atrozmente maior do que ela.

Nos anos seguintes Antônia viu sua família crescer com novas chegadas e novos nascimentos, e a fazenda Battagliona se encher de sobrinhos. A jovem Antônia se deliciava com o papel de tia. Neste meio tempo ela tornou-se uma mocinha, começou a debutar no mundo de Covo, e certamente se tornou uma presa desejada pelos “caçadores de herança” que tanto preocupavam o velho pai Alessandro. Também a ela se dirigia aquele bilhete depreciativo que foi encontrado pendurado fora da fazenda Battagliona, que acusava o velho Alessandro de manter as filhas sob forte vigilância, por medo dos “caçadores de dotes”.

### *14.3 - Anos de casamento*

Para os cânones do tempo, Antônia devia ser considerado como uma bela mocinha, certamente se apresentava muito bem, e sua beleza aparecia quando passava pela rua principal de Covo, ou quando se dirigia para a missa dominical. Nós não



temos fotos da mocinha Antônia, por isso nós não sabemos como ela era. Mas a julgar pela foto de adolescente, seus traços eram delicados, e não se deve esquecer que naqueles tempos os gostos pela beleza feminina impunham formas sinuosas, e as mulheres eram preferidas mais gordinhas, em vez de magras como nos dias de hoje.

Antônia começou a namorar com **Francesco Galliani**, um jovem dez anos mais velho do que ela. Francisco nasceu em Covo no dia **02 de maio de 1889**, e era o filho mais velho dos ricos cônjuges Luís Galliani e Cecília Spolti. Ele era o herdeiro de uma das "famílias de muitos bens" de Covo, que fez sua fortuna no ramo de construção, e ele mesmo estava envolvido nas atividades da família, como mestre de obras.

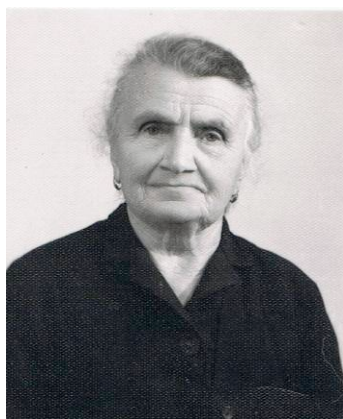


Retrato de Francesco Galliani na idade adulta. (fotografia exposta em seu túmulo - lápide no cemitério)

De acordo com as únicas notícias disponíveis sobre a família Galliani parece que ela era composta de:

- O chefe de família Luigi Galliani (04.01.1861 – 01.10.1924)
- A esposa Cecília Spolti(10.02.1866-02.08.1942)
- 3 filhos:

- Francesco (02.05.1889 – 28.09.1948)  
Casou-se com Antônia Tironi (13.06.1899 – 14.07.1957)
- Orsolina (30.04.1891 – 17.12.1966)  
Casou-se com Pietro Bosetti (03.06.1886 – 27.02.1965)
- Giovanni (18.12.1901 – 07.02.1977)  
Casou-se com Inês Guarneri (24.04.1906 – 12.10.1976)



Os irmãos Orsolina e Giovanni Galliani adultos (fotografia – da década de 1960)

Observando as poucas fotos que temos de Francesco, aliás todas feitas na idade adulta, pode-se perceber que Francisco era objetivamente um homem bonito, de traços bem definidos e marcados. A frente do seu rosto faz imaginar um homem de físico forte e robusto (aquilo que se define como um homem "bem constituído"), e seu olhar fixo e decidido leva a imaginar que era uma pessoa determinada e séria.

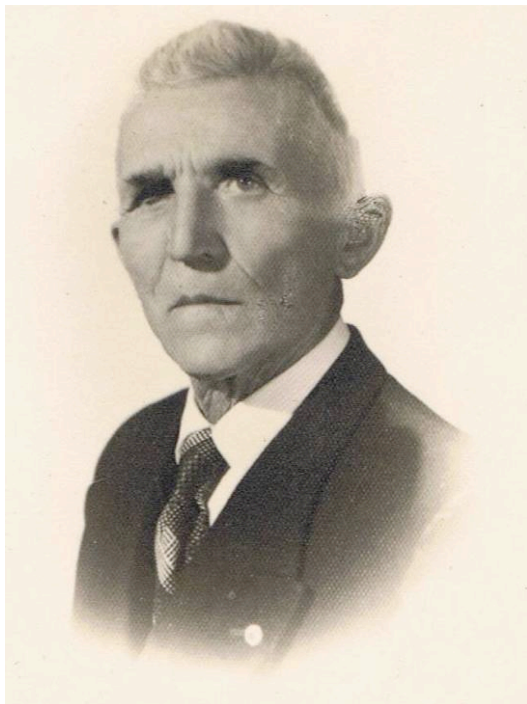
Ele era um dos poucos habitantes de Covo – e o único em nossa família – que possuía um automóvel. (Meu tio Emanuele lembrava que, como criança, era levado para o hospital de Bérgamo para fazer tratamento, pelo tio Francesco). Era, também, o único da nossa família que recebeu uma educação muito acima da então média nacional.

Todas estas são "qualidades" que certamente entusiasmavam Alessandro, o qual ficava de olho nos relacionamentos da filha menor. Antônia, como se disse, cresceu rodeada de mais atenção e de melhor tratamento pelo velho pai, embora isso não deve induzir em erro, pois tratava-se sempre de um olhar atento por parte de uma pessoa que nós conhecemos por sua fria malícia.

Não sabemos se Francisco serviu a pátria durante a guerra, mas é mais provável que também ele deu sua contribuição. O que é certo é que Alessandro incentivava sua filha a consolidar o namoro o mais rapidamente, apesar de ter apenas 20 anos, para chegar ao casamento com o namorado que já tinha trinta anos. Para a época, certamente ele já não era considerado jovem. Foi assim que os dois casaram-se com a idade de 20 e 30 anos, respectivamente, no dia **9 de outubro de 1919**, na Igreja de Covo.

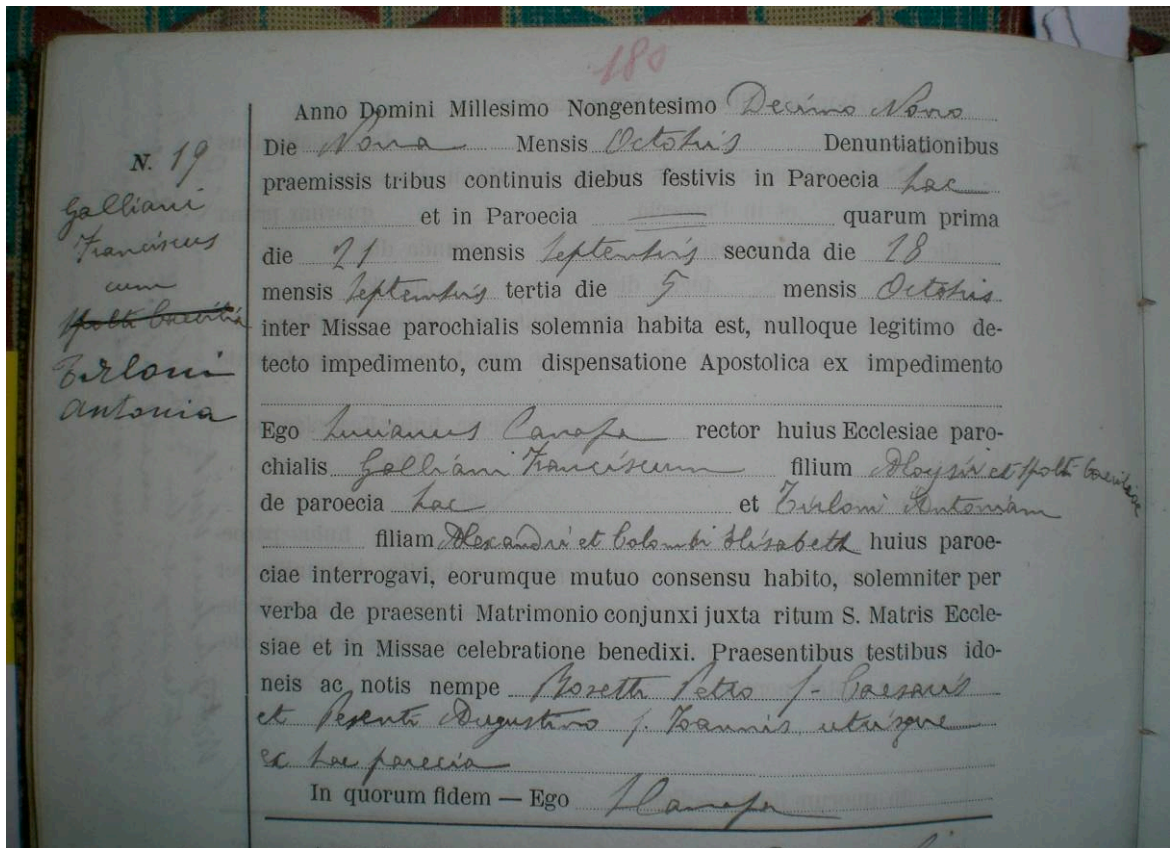
Pelo fato de Francisco, no momento do casamento, já ter 30 anos, pode-se supor que nos anos anteriores também ele se tenha empenhado a defender a própria vida na frente de batalha, durante a Guerra Mundial. Se assim ocorreu, certamente deve ter sido, pelo menos, suboficial. Sendo um homem culto e em posse de um diploma, certamente não teria passado muito tempo como um soldado raso, e teria sido logo elevado de grau. Se esta teoria for verdadeira, pode ser que os dois só começaram o namoro no ano anterior ao casamento, e talvez o próprio Francisco, dado que já não era um mocinho, tenha acelerado o tempo do casamento.

Foi testemunha de casamento de Antônia o cunhado Agostino Pesenti, marido de sua irmã Francesca, enquanto a testemunha de Francisco foi seu amigo e cunhado Pietro Bosetti (marido de Úrsula, a irmã mais nova de Francesco). Este é um dos 13 filhos de Cesare Bosetti, aquele que disputava com Alessandro o título de o homem mais rico da vila. Pode-se imaginar que a este casamento estivesse presente toda a alta sociedade de Covo daqueles tempos!



As testemunhas dos recém-casados: Pietro Bosetti e Agostino Pesenti (fotografia – da década de 1960)

Infelizmente, não foram feitas (ou não chegaram até nós ) fotografias deste casamento, nem mesmo o retrato típico que casais ricos faziam depois do casamento. Podemos facilmente imaginar os comentários do povo de Covo, do povinho – como se costuma dizer – ver jovens das duas famílias mais ricas unirem-se no "casamento do século". Certamente os dois cônjuges atraíram as atenções de muitas pessoas!



O ato de casamento de Antônia Tirloni e Francesco Galliani (fotografia - ano 2009)

Graças à correspondência encontrada, vem-se a descobrir os comentários dos irmãos sobre este casamento. O irmão Eliseu, em sua carta escrita no final de 1919, conta aos irmãos no Brasil: "No dia 10 de Outubro casou-se a irmã Antônia, que tomou como marido Francisco Galliani, e se acomodou muito bem". Parece estranho que Eliseu tenha indicado uma data de casamento diferente daquela que aparece na ata de registro encontrada nos arquivos da paróquia de Covo. Provavelmente trata-se de um simples erro. Já a nota final é muito interessante, pois mostra que Antônia teve a sorte de casar-se com aquele que, naquele tempo, se definia como "um bom partido".

A inveja por causa desta situação, como foi mencionado acima, não deve ter sido apenas por parte dos compatriotas, mas também no seio da própria família, pois de fato, em uma das cartas enviadas por sua irmã mais velha, Angelina, ao Brasil, em 1921, Lê-se estes comentários sobre Antônia: *O pai [...] casou-me sem todo o meu dote, mas todas as minhas outras irmãs saíram cheias de coisas, especialmente Antônia e Vitória. Só sabem elas mesmas quanto dinheiro e quantas coisas que elas levaram consigo. Antônia comporta-se como uma dama, girando pela vila*".

Lendo ambos os comentários percebe-se claramente que para Antônia não faltava a fortuna econômica. É muito interessante especialmente o detalhe que o velho pai Alessandro concedeu a Antônia um bom dote, algo realmente surpreendente, se se leva em conta a avareza do velho patriarca.



Alessandro Tironi (fotografia - anno 1912)

Obviamente, a fortuna econômica de Antônia não era devida apenas por causa do dote substancial de seu pai, mas deve ser atribuída às fortunas de seu marido Francisco. Como já se disse, ele tinha uma empresa de construção e acompanhava as obras como primeiro responsável e mestre de obras.

O trabalho mais importante realizado por ele e sua empresa foi a construção da torre dos sino da igreja paroquial de Santo Alessandro Mártir, na aldeia vizinha de Cortenuova.



Igreja paroquial de Cortenuova, por trás o campanário construído pela firma de Francisco Galliani (fotografia - ano 2009)

Muitos foram os canteiros de obras confiados à experiência da empresa de Francisco, que graças à sua competência, seriedade e correção, tornou-se um

verdadeiro magnata da construção. Bem depressa foi chamado pelo apelido de "rei de cimento" e, portanto, sua esposa Antônia, tornou-se a "Rainha cimento".

Todos os projetos menos fáceis de realizar tomavam forma, graças à sua habilidade e a de seus trabalhadores que se tornavam em pouco tempo muito qualificados. Por causa da grande quantidade de trabalho, muitos eram os jovens que constantemente eram recrutados pela sua empresa para ajudar os mais velhos, e para aprender esse ofício. A partir das histórias dos velhos de Covo, se descobre que na vila praticamente todos os pedreiros que iniciaram o trabalho por conta própria no pós guerra, tinham aprendido a sua profissão, trabalhando para o "Checo Gras" - como era chamado. Ele era também lembrado mais por uma questão econômica do que pelo fator de força física – l'om della Sciura Tògna": O homem da senhora Antônia.

Por seu lado, Antônia logo se tornou uma das mulheres mais importantes da vila e sua lembrança continua bem gravada na memória e nas mentes de todos aqueles que a conheceram. Ainda falam dela nos dias de hoje, como sendo "uma autêntica senhora", decantando sua figura, seus cuidados e sua fineza absolutamente únicos e incomparáveis na vila de Covo.



Retrato de Antônia Tirloni Galliani (fotografia – anos ' 30)

Em ambos os retratos que possuímos, datados em torno dos anos 30, Antônia aparece sempre muito elegante e bem cuidada, usando sempre brincos (provavelmente de pérolas) e colares. Seu rosto não parece diminuto, mas na verdade, é muito mais "cheio" do que se poderia esperar daquela adolescente vista em fotos de 1912. O penteado ondulado é certamente bem feito e a sua pele é bem lisa, sinal também este de uma pessoa rica e bem cuidada. O único detalhe que é útil para

determinar uma data para estas fotos é a presença de tufo de cabelos brancos sobre a frente direita que deixa a impressão de se tratar de um início de cãs precoces (uma característica herdada de seu pai) do que de um trato de cabelos tingidos. Parece de fato estranho que a tia Antônia, tão cuidadosa de sua pessoa, tenha ido a um fotógrafo com o esse tufo bem em vista.

Se os dois cônjuges não precisavam enfrentar problemas econômicos, infelizmente, precisavam lidar com um problema que na época era considerado, talvez, o pior de todos: na bela e grande casa, situada na rua principal de Covo, na qual viviam, faltava o alegre ruído de crianças.

Sobretudo naqueles tempos, os filhos eram vistos como uma "bênção" do ponto de vista eclesiástico, como uma "exigência" do ponto de vista social e pessoal, (alguém que continua a sua estirpe e ajuda durante a velhice). Mas também como um "dever" de um ponto de vista político: não podemos esquecer que os anos em que decorre a história de que estamos falando são os anos em que se firmava o fascismo, e segundo o ditame fascista a mulher tinha o dever de "*dar filhos à pátria*," tanto que as famílias com prole numerosa eram publicamente elogiadas e premiadas pelo Duce em pessoa, como um exemplo a seguir.

Aqueles eram anos em que foram implementadas políticas de real incentivo de nascimentos, e eram ostentados tanto a virilidade masculina como a "fecundidade" feminina. Só para explicar melhor, basta pensar que naqueles tempos, na linguagem popular, para indicar que uma jovem estava apta para o casamento, costumava-se dizer que a moça tinha "*quadris para engravidar*". A falta de crianças em um casal desmoronava todo este mito ao qual todos estavam forçosamente atrelados e, por isso, os infelizes casais que não tinham filhos eram citados como "anormais", senão até ridicularizados e, como acontecia há milênios, a culpa desta vergonha caía sempre sobre as mulheres...

Não sabemos como os dois cônjuges viveram este problema e não se chegou nunca a saber quais as observações feitas em família. Felizmente, entre as pessoas boas, tementes a Deus, a humana compaixão tinha o suporte da fé, e estes se tornavam os típicos temas delicados dos quais se devia falar o mínimo possível. Mas pode-se crer que sobretudo Antônia deve ter sofrido muito por causa deste feito do destino.

Apesar de seu alto status social e suas riquezas, Francesco e Antônia eram unidos por uma característica que era universalmente reconhecida por todos aqueles que os conheceram: a bondade!

As poucas notícias familiares que a ele se referem, descrevem Francisco como uma pessoa realmente boa e disponível, que nunca se retraía, em se tratando de ajudar como podia a quem quer que lhe pedisse socorro, como também sua esposa não ficava por menos, e disso deu amplas provas no futuro.

Talvez também graças ao seu bom coração e à vontade de fazer o bem, o casal decidiu superar o problema da falta de crianças, e adotaram como se fosse sua filha, uma menina à qual muito se afeiçoaram.

**Bruna Liana Calegari (22-02-1924 / 26-08-1996)**

Casou-se com Renato Moro (1916 / 24-08-2011)

Não sabemos exatamente quando o casal começou a cuidar desta menina, e não sabemos também como sua escolha recaiu sobre esta criança. Não sabemos nem sequer se foi feita uma prática jurídica da adoção. Sabemos, sim, que a criança foi educada com todo carinho e afeto que os dois cônjuges dedicaram àquela que na família seria considerada por todos como a sua "filha única".

Dos poucos relatos ouvidos do povo de Covo que ainda recorda esta história, emergem alguns particulares entre si conflitantes:

- Por um lado diz-se que a família Calegari era, na época, entre as mais ricas de Covo e se gloriava de nobres origens;
- Por outro lado, os velhos de Covo lembram que Bruna era filha de um alfaiate de Covo que tinha muitos filhos e pouco pão para dar-lhes de alimento, e por conseguinte, voluntariamente tinha aceitado de bom grado que a pequena Bruna fosse "adotada pelos ricos cônjuges Galliani. Não há porque admirar-se disso, porque naqueles tempos acontecia muitas vezes que famílias indigentes davam os próprios filhos para serem cuidados ou adotados por casais ricos, para garantir aos filhos um pouco de bem-estar e uma vida melhor do que aquela que teriam na família natural.

As duas histórias se entrelaçam quase a par e é difícil de entender qual das duas é mais verdadeira... Provavelmente o pai natural de Bruna pertencia a um lado do ramo (menos afortunado) da rica família Calegari, ou o período de opulência da família deve ser colocado em um período anterior àquele em que ocorreram estes fatos. Seja como for que tenham acontecido os fatos, a situação familiar se estabilizou com a entrada desta menina que, como já foi mencionado, continuou a ser a única adotada pelo casal.

Francisco, graças à prosperidade econômica de que dispunha, mas especialmente graças ao fato de que não era mesquinho como seu sogro Alessandro, oferecia à família um nível muito elevada de vida para os padrões daquele tempo, porque seu trabalho e seus interesses, tendo passado ilesos da crise no pós-guerra, bem como da tremenda Cota 90 que tinha afetado gravemente a fortuna do velho sogro Alessandro, vai aumentando cada vez mais, graças à expansão econômica que a Itália conheceu sob os vinte anos fascistas. Este foi um período que transformou a Itália em um canteiro gigantesco para a construção de todos os tipos de infraestruturas públicas e privadas, em toda parte. Foram anos em que a indústria e o empreendedorismo (especialmente de construção) viram a sua fortuna crescer cada vez mais!

A filha Bruna, na casa dos pais adotivos, levava uma vida muito confortável. Não lhe faltava nada e vinha crescendo da melhor maneira possível. Temos dela uma fotografia colorida, que aliás era uma verdadeira raridade para a época.





Bruna Liana Calegari retratada na juventude (fotografia – anos 40)

Foi educada nas melhores instituições, e era introduzida no "belo mundo" de pessoas ricas. Foi precisamente nesse ambiente que conheceu e se tornou noiva de um jovem 8 anos mais velho do que ela: **Renato Moro**, nascido em 1916.

Ele pertencia a uma família de Salento pugliese. Renato mais tarde se tornou muito famoso graças a um primo seu: o famoso senhor Aldo Moro (1916-1978), cinco vezes Presidente do Conselho de Ministros e Presidente da Democracia Cristã, barbaramente sequestrado e morto pelas Brigadas Vermelhas. Assassinato este, destinado a agitar a consciência de todos, até mesmo de um homem com uma fé granítica, como o Santo Padre, o Papa Paulo VI, que durante a Homilia feita na cerimônia pública solene pronunciaria estas palavras: "*...Tu, ó Deus, não ouviste a nossa súplica pela incolumidade de Aldo Moro, deste homem bom, suave, sábio, inocente e amigo...*"

Não sabemos quando ocorreu o casamento entre Bruna e Renato Moro, certamente no imediato pós-guerra. Deste casamento veio até os dias atuais um álbum de fotografias realmente muito bonitas, no qual é colocado em evidência o esplendor daquele dia e permite-nos a todos de colocar-nos como espectadores na atmosfera daquele tempo.



Álbum de Casamento de Bruna Liana Calegari e Renato Moro (fotografias – anos '40)

É de fato uma sorte que este álbum tenha sido preservado até os nossos dias porque revela muitos detalhes que, de outra forma, teriam sido perdidos, como exemplo, o precioso uniforme usado pelo noivo, pelos convidados (nomes notáveis na Covo da época) e, obviamente, as faces dos nossos familiares.

Francisco aparece em duas fotografias, e se pode ver que ainda estava surpreendente jovem, apesar de estar perto de 60 anos. Ele está praticamente idêntico à única outra fotografia que temos dele (aquela colocada em sua lápide no cemitério de Covo). Tanto é que quase faz pensar que também aquela foto tenha sido feita neste período, ou seja, no final dos anos '40. Por causa da total semelhança com a outra foto, não há dúvidas sobre seu reconhecimento, e realmente pode-se verificar que Francisco não tinha nem mesmo um cabelo branco, e a pele suave e sem rugas.

Ao contrário, Antônia aparece muito envelhecida, apesar de não ter ainda 50 anos. Mesmo tendo 10 anos menos do que o marido, parece muito mais velha do que ele. Seus cabelos estão quase completamente brancos, o pescoço enrugado, e está vestida sem elegância. Sua elegância proverbial desapareceu completamente, e se poderia perguntar se seria realmente ela!



Antônia Tirloni e Francesco Galliani, detalhes do álbum de casamento de Bruna Liana Calegari e Renato Moro (fotografias, 40 tais anos)

Apesar de sua aparência incrivelmente jovial, Francesco não sobreviveu por muito tempo depois deste dia de festa. Teve tempo de ver a neta, Stefania, mas após apenas 6 meses que se tornara "avô", seus dias terrenos se cumpriram, e veio a falecer no dia **28 de setembro de 1948**, com apenas 58 anos de idade.

Não sabemos qual foi a causa da morte de Francisco. Não foram transmitidos relatos sobre alguma doença, por isso pode-se admitir que tenha morrido por um ataque cardíaco. Ele foi enterrado no cemitério de Covo, na tumba de sua família, que fica à esquerda do túmulo da família Tirloni.



Família Galliani, túmulo no cemitério de Covo (fotografia - ano 2010)

Antônia, ao ficar viúva, depois de quase 29 anos de casamento, era ainda muito jovem. Na verdade, tinha apenas 49 anos, mas decidiu não voltar a se casar, e com isso homenagear a memória de um marido tão bom e generoso como foi Francisco.

Não sabemos se no momento da sua morte, Francisco já havia se retirado dos negócios ou se ainda estava em meio das atividades com sua companhia de construção. Mas é mais provável a segunda hipótese.

Muito provavelmente, a esta altura dos acontecimentos, a viúva Antônia liquidou a empresa, e pode-se presumir que esta empresa não teve continuidade por qualquer outra pessoa em particular, até porque (como dizem os antigos pedreiros de Covo) todos os trabalhadores que estavam a serviço de Francisco, começam a

trabalhar por conta própria. Enquanto isso, Antônia, a partir deste momento, dedicava-se à administração do vasto patrimônio herdado de seu marido.

Ela não se esqueceu da generosidade e da bondade que sempre caracterizaram o marido, e continuou durante toda a vida na prática das boas obras que o marido sempre tinha feito. Antônia empenhava-se nas obras de caridade, e ainda hoje, em Covo, é lembrada por todos, pelas suas muitas obras de caridade.

Antônia continuou a viver na grande casa situada na rua principal de Covo, onde muitas vezes iam visitá-la seus parentes e conhecidos. Sobre a mesa de sua sala estava uma grande bandeja que estava sempre cheia de doces e chocolates – autêntica delicadeza, não incomum para a época – que entrou muito na memória de todas as crianças e jovens que a conheceram.

Infelizmente para essas crianças, a educação daquele tempo as impedia de poder aproveitar dos doces que Antônia lhes oferecia. No máximo se podia aceitar um chocolatinho, caso contrário, era-se rotulado como mal educado e ganancioso. Mas ainda hoje, em muitos relatos se ouve dizer: "*A primeira vez que eu comi chocolates foi na casa dela*".

Meu pai sempre lembra que, quando criança (mas também como jovens, porque doces sempre fazem gosto em qualquer idade) quando se ia visitar a tia Antônia era sempre um misto de alegria e tristeza, porque a tia sempre recebia na grande sala onde estava a famosa bandeja que inevitavelmente capturava toda a atenção. Pena que, na expectativa da visita à "tia rica", os pais advertiam severamente de não fazer má figura, e quando a tia Antônia, durante a visita, voltasse a oferecer chocolates, a resposta devia ser um educado "*não, obrigado*", aliás, dito muito contra a vontade!

Sua posição social de mulher em evidência e reverenciada por todos, bem como o seu caráter teimoso herdado de seu pai Alessandro, com o passar do tempo revelaram-se problemáticos nos confrontos do relacionamento com sua filha adotiva Bruna, com a qual, justamente nos últimos períodos de sua vida, houve alguns mal-entendidos que levaram a um arrefecimento da relação entre as duas mulheres.

Não sabemos os motivos dessas divergências, mas provavelmente deve ter sido por causa de uma maneira diferente de ver a vida. Antônia certamente era muito conservadora e, como diríamos hoje, "era uma ultrapassada", enquanto a filha Bruna era muito moderna, e por certo muito emancipada de acordo com o que os costumes da época propunham, e isso definitivamente não estava muito de acordo com o gênio da mãe.

Tanto Antônia como Bruna eram muito opiniosas e determinadas, e portanto nenhuma delas estava disposta a ceder em suas próprias convicções. Assim como Bruna não aceitava regredir em sua emancipação, Antônia não caiu na real de que a filha não queria ouvir suas acusações e nem seguir seus conselhos.

Infelizmente esta oposição foi piorando sempre mais até se tornar irreversível: Antônia e Bruna chegaram ao ponto de não mais se falar!

Na segunda metade dos anos 50 Antônia começou a sentir dores persistentes e se submeteu a exames. O resultado não deixava nenhuma esperança. De fato Antônia descobriu que estava afetada por um mal incurável. Nem mesmo neste momento extremo da doença, as relações com a filha chegaram a encontrar uma solução, tanto é verdade que durante a longa e dolorosa doença Antônia foi assistida por sua sobrinha Narcisa, filha do irmão Eliseu.

O câncer literalmente a torturou e destruiu aquela imagem de uma senhora distinta que a caracterizara sempre. Sofreu realmente muito, e a morte veio quase desejada como forma de uma libertação da longa agonia. Antônia faleceu no dia **14 de julho de 1957**, com a idade de 58 anos.

Foi sepultada junto ao seu marido no túmulo da família Galliani, perto de seus pais.

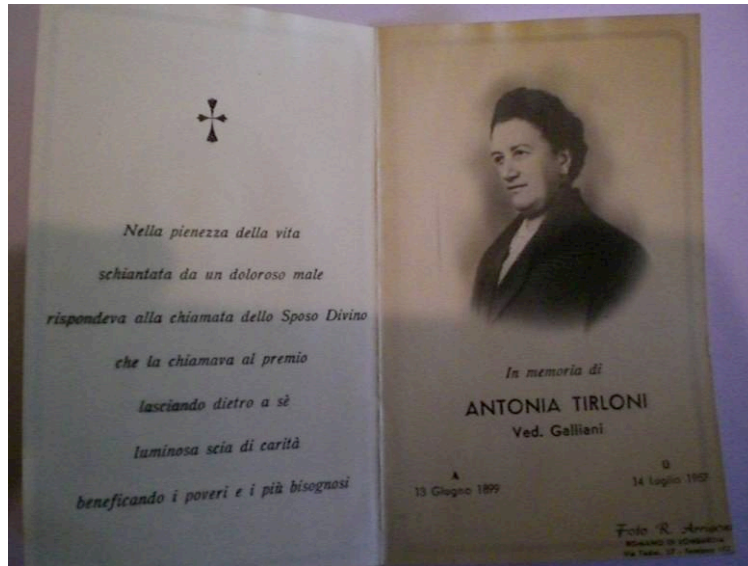


Túmulo de Antônia Tirloni e Francesco Galliani no cemitério de Covo (fotografia - ano 2010)

Participaram de seu funeral muitíssimas pessoas, porque muitos foram os beneficiados de sua generosidade que agora lhe tributavam a extrema e respeitosa homenagem. Este fato também é mencionado no seguinte epitáfio escrito na tradicional plaqueta (chegada aos nossos dias) em que, como um resumo de sua vida, se lê:

*"Na plenitude da vida*

*ceifada por uma dolorosa doença  
respondeu ao chamado do Esposo Divino  
que a chamava ao prêmio  
deixando para atrás de si  
uma esteira luminosa de caridade  
que beneficiou os mais pobres e os mais necessitados".*



Placa comemorativa de Antônia Tirloni ' (fotografia - no 2009)

Em face da irreconciliável relação com a filha adotiva Bruna, Antônia tomou a decisão de deserdá-la, tanto é verdade que na leitura de seu testamento se descobre que deixava todas as suas posses para a casa de repouso de Covo.

Não sabemos se a notícia de suas últimas vontades foi tornada pública pela mesma Antônia nos últimos meses de vida, ou se teria sido mantida em segredo até a abertura do testamento. Se for verdadeira esta segunda hipótese, podemos imaginar a assombrosa surpresa que esta notícia gerou tanto em nossa família, como na comunidade de Covo, mas a vontade de Antônia foi respeitada. Ainda hoje na casa de repouso de Covo está afixada uma placa comemorativa, em lembrança deste gesto.

*14.5 – Descendentes: Bruna Liana Calegari e Renato Moro*

Poucas e nebulosas são as notícias sobre a descendência que Antônia teve através da filha adotiva Bruna . Aliás a família de Bruna é a menor dentre todas as de nossa árvore genealógica, e até a data atual é composto por apenas 5 pessoas. Apesar da quebra das relações com a mãe, a família de Bruna permanece ligada à nossa família, tanto é verdade que participa de várias celebrações familiares e chega a fazer visitas aos vários primos.

Como já dissemos, Bruna namorou e casou-se com um homem oito anos mais velho que ela, Dr. **Renato Moro**, nascido em 1916. Não sabemos onde ele nasceu, mas sabemos que ele era primo do futuro Presidente do Conselho de Ministros, Aldo Moro, e portanto, a sua família é de Salento. Numa fotografia (a mais antiga que se refere a ele) Renato é jovem e vestido em roupas militares, enquanto se preparava para comer a refeição da lancheira.



Jovem soldado Renato Moro (fotografia – cedo ' 40)

Não sabemos em que ocasião e onde esta fotografia foi tirada, provavelmente durante a Segunda Guerra Mundial. Isto, porém, não é certo. A suposição provavelmente mais certa é que esta foto foi feita durante o serviço militar que teve lugar no final dos anos 30 e antes da eclosão da guerra.

Como já se disse, nós não sabemos exatamente quando Bruna e Renato casaram. Provavelmente este casamento deve ter ocorrido em 1946, ou no máximo no



ano seguinte. Isso se deduz do que conta a neta Stefania – filha mais velha de Bruna – que diz que seu avô Francesco Galliani morreu quando ela tinha cerca de 6 meses.

Conforme a memória das nossas pessoas de Covo presentes a esse casamento, tudo deve ter sido feito com uma pompa e uma importância únicas. Muitos curiosos que compareceram, ficaram fora da Igreja de Covo para ver este par em que o noivo vestia um uniforme de Alto Escalão, coisa que se via somente nas revistas.



Álbum de Casamento de Bruna Liana Calegari e Renato Moro (fotografias – tarde ' 40)

Como se pode ver no álbum de casamento, o noivo vestia um uniforme branco. Observando atentamente os emblemas dos graus colocados sobre as insígnias, pode-se ver 3 estrelas, enquanto o friso reproduz claramente uma águia, símbolo da polícia. Renato poderia ser, apesar de sua pouca idade, já um Comissário da Polícia. Renato manteve-se por toda sua vida na Polícia, fez carreira e chegou a tornar-se vice Questor de Milão e posteriormente Questor da cidade de Cremona.

Do casamento de Bruna e Renato nasceram duas filhas:

1) **Stefania** (nascida em 1948)

Casou-se com Antônio Pagnozzi (nascido em 1936)

## 2) **Renata** (nascida em 1955)

Não estamos na posse de muitas notícias sobre a vida desta família, e nem sequer sabemos com precisão onde eles vivem. Acreditamos que a família moveu-se muitas vezes seguindo os vários encargos de Renato, durante a evolução de sua carreira na polícia. Como foi mencionado acima, chegou a tornar-se Questor, título comparável ao de um General do exército!!!

De seu passado nós temos somente duas fotografias antigas: em um retrato aparece a família na frente do portal ornamentado de uma igreja que poderia ser a Catedral de São Marcos, em Veneza, enquanto a outra é uma foto realmente "artística" ou talvez trabalhada (tendo em conta o incrível efeito de luz), e não se sabe onde ela pode ter sido feita.



Álbum da Família Moro – Callegari (fotografias – anos ' 50)

Na foto à direita estão Renato, Bruna e uma filha que certamente é a filha mais velha, Stefania. Em vez na foto à esquerda se vê Renato e Stefania em companhia de uma senhora mais idosa. Certamente não se trata da avó Antônia Tirloni. Provavelmente se trata da mãe de Renato Moro, que já aparecia também nas fotografias do álbum de casamento do casal.

Infelizmente eu pessoalmente nunca encontrei ninguém destas pessoas em ocasiões de convívio, portanto nunca tive a oportunidade de falar com eles, mas eu sei que no passado, Bruna e Renato vinham muitas vezes visitar as nossas famílias, especialmente porque nós éramos os mais próximos a eles, que viveram durante muitos anos em Milão.



Bruna Liana Calegari no casamento de Maria Rosa Tironi e Luciano Brambati (fotografia – 18 de outubro de 1971)

Acontece de se poder encontrar suas imagens em fotografias de família, quer tiradas nos anos 70, no bar de Peschiera Borromeo, gerenciado por meus avós, quer na participação deles em vários casamentos da minha família. Meu próprio pai escolheu Renato Moro como sua testemunha de casamento em 1974.



Renato Moro, detalhes do álbum de casamento de Ferdinando Tironi e Fiorenza De Vho (fotografias – 16 de setembro de 1974)

Na segunda metade dos anos 70, a filha mais velha Stefania casou-se com um funcionário da Questura de Milão, chamado Antônio Pagnozzi. E este é um fato a mais que tende a apoiar a hipótese de que a família de Moro residia em Milão. Mas não se pode excluir a possibilidade de que Stefania tenha frequentado o ambiente milanês durante os anos de estudo.

Deve-se sempre ter em mente que o nome de Renato Moro era um nome muito influente na Itália daqueles tempos, e portanto não é de se excluir que lhe foram dados encargos importantes em cidades de primeira importância como, por exemplo, chefe supremo de Milão.

Os anos ' 60, e sobretudo ' 70, viram Milão como protagonista, talvez até mais do que Roma, primeiro do boom econômico, e depois especialmente da contestação. Enquanto Roma estava preocupada principalmente por razões políticas, Milão estava sendo invadida tanto do ponto de vista industrial, como burguês e intelectual. Milão era o salão burguês, a usina industrial, e a mente intelectual da Itália. Portanto, para um alto funcionário – já Vice Questor da polícia - era um posto ambicionado, mas também realmente perigoso. Foram estes na verdade os anos do assassinato do Comissário Luigi Calabresi, dos coros contra os esbirros e dos massacres. Em suma: Milão era uma "praça definitivamente fervente" um verdadeiro barril de pólvora. Como foram logo apelidados: estes eram os "*anos de chumbo*"!

Felizmente, Renato Moro saiu ileso destes anos de trabalho árduo em que um policial saía de casa na parte da manhã, mas não estava certo de que iria voltar para o jantar. Provavelmente quando chegou à merecida aposentadoria, ele decidiu se aposentar e se retirar com sua esposa para viver em Romano di Lombardia, uma cidade ao norte de Covo, e foi aqui que Bruna veio a morrer aos **26 de agosto de 1996**, aos 74 anos.



Túmulo de Bruna Liana Calegari Moro no cemitério de Covo (fotografia - ano 2009)

Bruna foi enterrada no cemitério de Covo, primeiro temporariamente em um nicho, mas depois foi transladada para uma tumba imponente que os membros da família construíram propositadamente logo depois de sua morte.

Renato Moro ainda reside em Romano di Lombardia, e a contar da data de hoje, tem cerca de 95 anos. Considerando sua venerável idade, sua saúde ainda é boa e a mente está lúcida, mas infelizmente sua visão teve que sucumbir sob o peso de

suas muitas primaveras, e essa realidade tende a prejudicar sua vida cotidiana. Morreu no 24/08/2011.

Também no que diz respeito à filha mais velha Stefania, são poucas as notícias em nossa posse, e absolutamente nulas são as fotografias que a retratam na idade adulta. Nós não sabemos que estudos fez, mas pode-se acreditar que certamente frequentou a Universidade.

Conheceu e noivou com um policial operacional na divisão política da Questura de Milão, chamado **Antônio Pagnozzi**. Os dois casaram no início dos anos '70, e deste casamento chegou até nós um breve recorte de Jornal no qual se dá notícias do evento.



Breve artigo do Corriere della Sera, tendo a notícia do casamento de Stefania Moro e Antônio Pagnozzi

O casal teve dois filhos:

1) **Gianluca** (1973 - 1999)

Veio a falecer em tenra idade, em um acidente

2) **Chiara** (1974)

Quanto ao Dr. Antônio Pagnozzi pode-se encontrar muitas informações na internet, porque ainda está ativo na polícia, e também ele esteve presente (talvez numa medida mais desafiadora e perigosa do que o seu sogro Renato, por estar exposto na primeira linha) na Milão dos "*anos de chumbo*".

Pela Internet encontramos um artigo interessante a seu respeito, publicado em 2002, quando era prefeito de Lecco (cargo máximo a que pode aspirar um policial). Este artigo nos ajuda a enquadrar esta pessoa, e também fornece informações concisas sobre sua família. Comparando este artigo com sua idade que é apontada, pode-se estabelecer que Antônio nasceu em 1936, e tem 12 anos mais do que sua esposa, Stefania.



Lendo a imprensa escrita descobre-se que Antônio Pagnozzi era a clássica pessoa de decisões que nunca se escondia entre papeis, mas pelo contrário, sempre estava em ação na frente de decisões. Antônio recorda a preocupação de seus pais, quando foi transferido para a perigosa Milão. (Lembre-se o que disse a sua mãe: "De acordo com a tua opinião: *eu chego a Milão e vão me matar ...?*").

Durante as várias entrevistas, Antônio, do alto de sua longa experiência, faz um resumo sobre toda a longa trilha de criminalidade que desestabilizou o chefe milanês, a partir da Piazza Fontana, e dos confrontos estudantis do ano 68, passando, depois, pelos anos de sequestros (os grupos dos sardos e calabreses, custeados pela máfia, as Brigadas Vermelhas) e dos hediondos assassinatos (o primeiro, entre todos, do comissário Luigi Calabresi) para passar, depois, aos casos locais, tais como Renato Vallenzasca.

A equipe liderada por ele havia derrotado o grupo Vallenzasca (mas suas recomendações para acompanhar de perto "*bel il Renè*", que depois efetivamente escapou como temia, permaneceu voz no deserto). Libertou pessoalmente Charles Lavezzari, dentre as primeiras vítimas da "Anônima Sequestri (para confortá-lo lhe fez um café com a máquina encontrada no esconderijo).

Especialmente a respeito do Comissário Luigi Calabresi (1937-1972), também ele brutalmente assassinado, Antônio muitas vezes se detém em suas entrevistas e recorda a longa amizade e muitos anos de trabalho conjunto, ombro a ombro, com Antônio Allegra, sua testemunha de casamento e, naqueles tempos, chefe da secretaria de política da Questura.

Lendo os vários artigos que lhe dizem respeito, percebe-se imediatamente que Antônio não fala de bom grado de sua carreira: tem a privacidade típica dos investigadores. Mas se for forçado a falar, destaca sempre, em primeiro lugar, o trabalho dos colaboradores.

No final de um artigo, diante de uma pergunta pessoal sobre qual teria sido seu maior sucesso profissional, Antônio assim *respondeu*: "*Ser um sobrevivente! Fisicamente, porque há anos eu tenho sido alvo de terroristas. E politicamente, porque ninguém jamais pode me etiquetar de omissos ou corrupto, e isso me fez ganhar uma consideração unânime. Mas os êxitos são sempre o resultado do trabalho de um grupo. Aos meus colaboradores digo sempre: "vinde"! e nunca "Ide!"*"

Ainda me lembro quando meu pai, (Ferdinando, pai de Alessandro, que escreve esta história) uma noite, com orgulho me havia indicado um artigo sobre Antônio, dizendo: "*leia-o, porque é realmente interessante*". Eu naquela época não sabia quem era o protagonista deste artigo e, em seguida, meu pai me explicou que se tratava do marido de Stefania Moro.

Neste artigo que resumia toda a sua carreira, artigo que apareceu em um dos mais influentes jornais italianos, por ocasião da sua indicação como Questor em Roma, se lê a respeito dos colaboradores, sempre dito com a singular simplicidade



que o distinguia: "...Sem eles, eu não teria podido alcançar determinados resultados"[Corriere della Sera, 22 de Janeiro de 1998].

Sempre na internet se descobrem muitas outras coisas que dão orgulho à ação corajosa que Antônio realizou durante os anos de chumbo. Aliás, se descobre que Antônio estava entre os presentes na sala de questura de Milão, na qual "caiu morto" Giuseppe Pinelli (1928-1969). E continuando a ler nas páginas de internet escritas por fontes anarquistas, verifica-se que seu nome estava inserido no texto da canção popular "*a balada de Pinelli*", composta por um grupo de anarquistas, logo após o funeral, em que se pedia também a cabeça de Antônio Pagnozzi!!!

*Naquela noite em Milão fazia calor  
mas que calor, que calor fazia .  
"Brigadeiro, abra um pouco a janela"  
num instante Pinelli caiu!*

*"Estejamos atentos indiciado Pinelli  
Esta sala já está cheia de fumaça  
Se insistes abriremos a janela  
quatro andares são difíceis de subir".*

*Guida, Allegra, Pagnozzi, assassinos  
que um companheiro haveis matado  
A anarquia não tendes parado  
e o povo enfim vencerá.*

*E tu Guida, e tu Calabresi  
Se um companheiro nos tendes matado  
Para cobrir um massacre de Estado  
Esta luta mais difícil será*

**Balada del Pinelli** (O feroz questor Guida) (Trecho do texto original -1969)

Lendo suas entrevistas se vê como Antônio, pelo seu trabalho, aponta principalmente sobre sua presença e o seu contato com as pessoas. Muito indicativas são suas frases como: "*a primeira coisa que eu tenho que fazer é ouvir, e entender as questões que estão em torno*" [La Repubblica, 20 de Janeiro de 1998] ou "...*Agora, devo esforçar-me para conhecer esta cidade, andar entre as pessoas, para me fazer intérprete das necessidades, para resolver os problemas, sempre com os colaboradores, porque eu escolho pelo jogo de equipe, como eu aprendi como policial. Portanto, como prefeito ficarei pouco sentado. Embora seja vizinha, para Milão retornarei apenas aos sábados para cultivar minhas paixões, o jazz, as fotografias. Para conhecer é preciso estar no lugar. Minha esposa? Faz 30 anos que eu a habituei assim..*" [Corriere della Sera, 4 de Dezembro de 2001] Ele salienta ainda que infelizmente muitas vezes, seu profundo e arraigado senso do dever o leva a ter que negligenciar até aos afetos mais caros.

Em outra entrevista ele confessa: "... *Por certo, nós pagamos caro cumprir o nosso dever. Aos meus eu recomendava a andar em volta pela vila. Era perigoso fazer-se ver em uniforme. "Pintei de "Tinta amarela o teu policial" recorda? Para mim – sublinha – tudo correu bem. Mesmo quando as praças de Milão estavam em tumulto, os mais exaltados percebiam que eu estava tentando entender, e que eu não*

*tinha nenhuma etiqueta política. Gozava de uma espécie de “ deixa passar”, quer na estatal quer na San Babila, a base dos negros. No entanto, com minha esposa, que é filha de um oficial de polícia, íamos para o Clube dos oficiais. Era melhor não frequentar locais públicos. ” [05 Corriere della Sera, de Dezembro de 2001]*

Percebe-se, portanto, que não é um hipócrita, e não brinca de se fazer de um super-homem, admite seus medos e o desejo de preservar a família de retaliações ou ameaças decorrentes da sua posição "delicada".

Muitas vezes, nas imagens transmitidas pela televisão a respeito dos difíceis anos de chumbo da Milão do final dos anos 70, se viu Antônio Pagnozzi também aparecer entre as forças da ordem, empenhado a não cair como vítima do medo e a dar todo o seu contributo para a proteção da honestidade e justiça. Pode-se concluir dizendo que toda a crônica tristemente famosa daqueles anos, foi experimentada em primeira mão por Antônio Pagnozzi!

Passados os sombrios anos 70 e terminada a sequência de violência relacionada a esses, o empenho de Antônio se desenvolveu na Criminalpol, e se concentrou principalmente contra o flagelo da droga e da cocaína. Também aqui Antônio enfrentou de peito, e nunca se retirou para trás, todos os desafios que se apresentavam, obtendo excelentes resultados dos quais podia se orgulhar, e justamente nessas ocasiões nas quais as polícias internacionais se entrelaçavam para caçar os narcotraficantes, Antônio conseguiu as honras exteriores das quais se fala no início de sua descrição.

Lendo todas essas entrevistas se chega a descobrir alguns dados importantes sobre sua família. De fato, verifica-se que sua esposa Stefania trabalhava como uma Executiva Propuser de publicidade, enquanto sua filha Chiara trabalhava em Milão como Relações Públicas. Nas entrevistas de 1998 sempre se faz menção que Antônio tinha dois filhos, enquanto que aquela que apareceu no Jornal de Lecco de 2002, não se faz menção de seu filho Gianluca, que, portanto, provavelmente já tinha falecido.

Lembro-me bem da notícia da sua morte, pois meu pai e meu tio foram ao funeral do jovem que morreu com apenas 25 anos, em 1998 ou 1999. Na triste ocasião do funeral de Gianluca foi a última vez em que foram vistos estes nossos parentes. Nas exéquias estava presente também o velho avô Renato Moro, visivelmente abalado, mas ainda firme e decidido, apesar de já ter passado dos 80 anos de idade. Um semelhante infortúnio foi talvez a única vez que também um homem forte como Antônio, acostumado a enfrentar todas as agruras da vida sempre de frente e com coragem, teria chorado...

Imagens mais recentes relacionadas com Antônio Pagnozzi sempre chegam pela internet e são relativas aos anos de trabalho como prefeito de Lecco. Em uma dessas, É visto enquanto oferece um tributo de homenagem ao alpinista Ricardo Cassino (1909-2009) por ocasião da celebração dos seus 90 anos. Já em outra fotografia está recebendo o senador Oscar Luigi Escalfado, em visita a Lecco em 2003.

O acolhimento dado ao ex-Presidente Scalfaro foi sua última função, depois do que para Antônio chegou a merecida aposentadoria, em setembro de 2003. Provavelmente agora dedica-se à leitura de livros e a ouvir música clássica e jazz (como ele muitas vezes apontou em suas entrevistas). Mas é realmente incrível pensar ocioso, uma pessoa do seu calibre.



Imagem de Antônio Pagnozzi, Prefetto di Lecco (fotografias – anos 1999 e 2002)

#### 14.4.2 - Renata Moro

Relatada a surpreendente história de Stefania Moro e Antônio Pagnozzi, passamos agora a falar de sua irmã mais nova: Renata Moro, filha de Bruna e Renato Moro.

Pelo fato de que os relacionamentos com esta parte da família tornaram-se realmente poucos (o que infelizmente é inevitável hoje em dia), a respeito de Renata infelizmente não se sabe mais nada já há muitos anos. A menina nasceu com problemas de saúde delicada, sua psique era muito fraca e a seu respeito seus parentes guardam apenas memórias vagas relacionadas ao período de sua infância e preadolescente.

Não se sabe nem sequer com certeza quando ela nasceu, e portanto, não se sabe se era mais jovem ou mais velho do que a irmã Stefania. O fato de que nos anos 80, quando o tio brasileiro Alexandre (*Sandro*) Merico coletou todos os dados para a primeira árvore genealógica de nossa família, ela tenha sido colocada como a segunda filha, nos sugere – considerado o cuidado que tinha o tio Sandro nas suas pesquisas, portanto, a atenção a esta citação – que Renata nasceu nos primeiros anos 50 '.

Nunca se teve notícia de sua morte e, sobretudo, no túmulo da família Moro (também no cemitério de Covo) não existe uma lápide sua. Dada a delicadeza do problema, prefere-se pensar que está serena, talvez em alguma estrutura especializada que possa acolhê-la e acudi-la na melhor das maneiras, e prefere-se omitir perguntas inoportunas.